

EU SOBREVIVI

À DESTRUIÇÃO DE POMPEIA EM 79 D.C.



POR LAUREN TARSHIS
ILUSTRADO POR SCOTT DAWSON



CAMALEÃO

Rio de Janeiro, 2024

CAPÍTULO 1



24 DE AGOSTO DE 79 D.C.

13H

A CIDADE DE POMPEIA

O IMPÉRIO ROMANO

Em poucas horas, milhares de pessoas estariam mortas. Toda a cidade de Pompeia desapareceria sob mais de 9 metros de cinzas e pedras de fogo. Mas primeiro, foi um dia de verão brilhante e ensolarado. As lojas fervilhavam. As crianças

jogavam bola em um campo gramado. Gladiadores se prepararam para uma partida sangrenta.

Ninguém ainda sabia que o monte Vesúvio, que pairava sobre a cidade, era, na verdade, um vulcão mortal. A montanha esteve em silêncio por séculos, um triângulo verde gigante coberto de fazendas, campos e florestas.

Era impossível imaginar o que espreitava sob o solo — rios de magma fervente, redemoinhos de gases venenosos. A qualquer momento, a montanha entraria em erupção com uma fúria devastadora.

Marcus, de 11 anos, estava com o pai, Tata. Eles não deveriam estar em nenhum lugar perto de Pompeia. Eles eram escravos fugitivos, correndo dos homens maus por suas vidas.

Mas então:

BOOM!

BOOM!

Com duas explosões devastadoras, o Vesúvio entrou em erupção.

Milhares de pares de olhos se voltaram para a montanha, olhando em choque e terror. Uma fu-

maça preta ondulante e cinzas jorraram da boca escancarada da montanha. O Vesúvio rugiu como uma besta furiosa, respirando fumaça e chamas no céu. E, então, veio uma nuvem ainda maior, disparando bilhões de rochas quentes e irregulares que choviam em Pompeia, enchendo fontes, esmagando telhados e batendo nas pessoas enquanto elas tentavam fugir gritando em pânico.

“Os deuses estão nos punindo!”

“O mundo está acabando!”

Marcus e Tata sabiam que tinham que escapar. A qualquer minuto, uma onda flamejante de cinzas e gases desceria a montanha apressadamente, queimando tudo em seu caminho. Mas havia muitas pessoas nas ruas, muitas pedras caindo do céu. Era difícil respirar, quase impossível ver. E depois houve o estranho som agudo que vinha de cima.

— Cuidado! — gritou Tata.

Marcus olhou para cima bem a tempo de ver uma enorme pedra flamejante caindo do céu, um pedaço de rocha ardente das profundezas da montanha. Estava indo direto para eles.

CAPÍTULO 2



23 DE AGOSTO DE 79 D.C.
TARDE ANTERIOR
NA RUA PRINCIPAL DE POMPEIA

Marcus caminhou ao longo da empoeirada rua principal de Pompeia, carregando um saco fedorento recheado com a roupa suja de seu senhor. Era início de tarde, e a rua estava cheia de pessoas — compradores peneirando os contentores de romãs e melões, escravos cansados coletando água das fontes, mendigos estendendo suas mãos sujas.

Um encantador de cobras cochilou enquanto sua cobra espiava para fora de sua cesta, provando o ar com o movimento de sua língua.

— Salve — disse Marcus, um simpático “olá” latino para o réptil mortal. Se, ao menos, ele tivesse uma cesta para se esconder agora. Não houve bons dias para Marcus ultimamente, mas este dia com certeza seria mais infeliz do que o habitual.

Estava muito quente, e sua túnica esfarrapada estava embebida em suor. Pior ainda, seu senhor, Festus Julius, estava esperando convidados importantes de Roma esta noite, amigos do imperador. Isto significou ainda mais trabalho árduo do que o habitual para Marcus e os outros escravos. Durante dias, eles esfregaram a moradia para que os pisos de mosaico brilhassem como diamantes e de modo que cada tigela de prata e cálice brilhasse.

Os convidados chegavam de carruagem — homens em togas brancas fluidas, mulheres em vestes de seda e com lábios vermelhos pintados, joias brilhando em cada dedo. Esta noite haveria uma grande festa de flamingo e javali assados,

ratos cozidos com mel e recheados com passas e tâmaras, e lagostas tão grandes quanto gatos. Os convidados descansariam em sofás de seda e se encheriam até que vomitassem... e, então, com o estômago vazio, eles comeriam mais.

Amanhã, Festus levaria todos para a luta de gladiadores no anfiteatro de Pompeia. Nos assentos da primeira fila, eles aplaudiriam enquanto os guerreiros tentavam furar uns aos outros até a morte com espadas, lanças e punhais.

As pessoas vinham de todos os lugares para ver o espetáculo, que contava com o lutador campeão de Pompeia. Ele era um homem gigante que tinha perdido um olho em uma de suas primeiras batalhas. A lesão lhe deu o nome de luta de Ciclope, em homenagem ao monstro de apenas um olho dos antigos contos gregos.

Como quase todos os gladiadores, Ciclope era um escravo que fora forçado a lutar. Mas ele era um dos poucos sortudos — ainda vivos depois de muitas batalhas.

Só de pensar nesses torneios brutais, Marcus ficou horrorizado.

De repente, todo o seu corpo estava tremendo. Mas espere, não era Marcus que estava tremendo.

Era a terra debaixo de seus pés!

Marcus largou o saco e se precipitou contra uma fonte de pedra. Uma enorme estátua de mármore do guerreiro Aquiles olhou para ele.

Marcus desejou que ele se sentisse tão corajoso quanto Aquiles!

Mas esses tremores o assustaram. Durante semanas, eles estavam sacudindo a cidade, colocando rachaduras nas paredes da vila de Festus, enviando seus cães mimados em ataques de uivos.

Normalmente, os terremotos eram rápidos, terminando em apenas alguns segundos. A maioria das pessoas parecia mal percebê-los.

Mas este terremoto foi mais poderoso do que a maioria. O chão balançou e tremeu, mais forte e mais forte.

Subindo e descendo a rua, o som de vidro estilhaçando, madeira despedaçando e pedra desmoronando chegou até os ouvidos de Marcus.

Crash!

Crack!

Bang!

Os vendedores falavam palavras enquanto suas cestas de frutas e legumes eram derrubadas. Uma gaiola de pássaros feita de bambu caiu e abriu, liberando um bando de minúsculos pássaros brancos no ar empoeirado. Os barris rolavam descontroladamente pelas ruas, jorrando vinho tão vermelho como sangue.

Marcus segurou firme a fonte enquanto a água dentro dela se esguichou, espirrando sobre a borda e molhando sua túnica.

E, então, ele ouviu um rangido logo acima de sua cabeça. Marcus olhou para cima no momento em que a enorme estátua de mármore de Aquiles desabou sobre ele.